

**OFICINAS DE ANTROPOLOGIA COM CRIANÇAS:
IMAGENS DE UMA PROPOSTA DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A
DIFERENÇA**

**ANTHROPOLOGY WORKSHOPS WITH CHILDREN: IMAGES OF A PROPOSAL FOR
CRITICAL SENSIBILIZATION OF THE DIFFERENCE**

Valéria de Paula **Martins**¹

RESUMO

Neste ensaio fotográfico, trago algumas imagens relativas ao projeto Antropologia com crianças, desenvolvido na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, desde 2014. Com a abordagem de temáticas caras à antropologia por meio de filmes, músicas, desenhos, rodas de conversa, livros e jogos coletivos, entre outros, a proposta é instigar sentidos dos participantes em um processo de sensibilização crítica para a diferença. Até o momento foram realizadas 15 oficinas em espaços diversos da cidade envolvendo cerca de 200 crianças. Recentemente, o projeto passou a abarcar um sítio eletrônico no qual estão disponíveis uma série de referências associadas à temática.

Palavras-chave: Oficinas. Crianças. Antropologia. Ensino-aprendizagem. Fotografias.

ABSTRACT

In this photo essay, I bring some images of the project Anthropology with children, developed in the city of Uberlândia, state of Minas Gerais, Brazil, since 2014. By dealing with relevant themes to anthropology through films, music, drawings, conversation circles, books and collective games, among others, the proposal is to instigate participants' senses in a process of critical sensibilization of the difference. To date, 15 workshops have been held in various spaces in the city involving about 200 children. Recently, the project began to include a website where are available a series of references associated with the theme.

Keywords: Workshops. Children. Anthropology. Teaching-learning. Photographs.

Recebido em: 31 de março de 2022

Aceito em: 17 de junho de 2022

¹ Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. E-mail: valeriacpmartins@gmail.com

O projeto Antropologia com crianças é desenvolvido desde 2014 por mim junto a crianças entre 7 e 12 anos, de famílias de baixa renda, na cidade de Uberlândia, localizada na porção oeste do estado de Minas Gerais, mais precisamente na região do Triângulo Mineiro. No momento, devido à pandemia da Covid-19 e ao cenário de segurança sanitária ainda um pouco nebuloso, estamos aguardando para retomar os encontros presenciais com crianças.

Esses encontros tratam de temáticas caras à antropologia – tais como relações étnico-raciais, de gênero, trabalho e questões ambientais, entre outras – e são permeados por uma série de dispositivos, tais como a audiência de filmes, elaboração de desenhos, leitura de livros, realização de brincadeiras musicais, rodas de conversa, jogos coletivos, apreciação de fotografias, registros sonoros e musicais².

Até agora atuamos junto a cerca de 200 crianças em 15 oficinas realizadas em diferentes espaços, como uma biblioteca municipal, sedes de organizações não governamentais e uma escola pública da cidade.

No primeiro ano do projeto, antes de me tornar docente na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), eu ministrava as oficinas sozinha. Com o ingresso na universidade e o interesse de estudantes de graduação em Ciências Sociais, o Antropologia com crianças passou a contar com monitores³. Pode-se dizer, nesse sentido, que se trata também de um projeto de formação docente em antropologia, já que em todo o processo de realização das oficinas, desde o planejamento a partir de encontros de reflexão e avaliação, passando pela produção de materiais, e as próprias oficinas com as crianças, os estudantes graduandos atuam de forma propositiva e engajada em um processo de ensino-aprendizagem que envolve a todos nós.

Assim, por meio do envolvimento e da experimentação coletiva a partir de materiais diversos e variadas atividades, como as citadas anteriormente, buscamos uma sensibilização crítica para a diferença ao tratar de temáticas e ideias caras ao debate

² No decorrer da pandemia, com a impossibilidade da realização das oficinas e com o intuito de contribuir para processos de ensino-aprendizagem em antropologia junto a crianças nos mais diferentes contextos e lugares, criei um sítio eletrônico que traz referências não apenas dos materiais utilizados nas oficinas, mas também outros, em variados registros – Literatura, Imagens em movimento, Música, Fotografia, Pintura e escultura, Desenho, Jogos e podcast e Projetos. O sítio eletrônico Poéticas da Terra e, mais precisamente, a página do projeto Antropologia com crianças no site, é acessível aqui: <https://poeticasdaterra.org/projetos/antropologia-com-criancas/>

³ Ao longo dos anos, atuaram na monitoria do projeto as estudantes Amanda Ramos, Júlia Furtado de Almeida, Halina Brandão, Maria Luiza Araújo, Pamela Caetano, Vitória Brasileira e o estudante Luís Augusto Meinberg Garcia.

antropológico em uma antropologia com crianças e não para crianças — nos atentando para o histórico de desconsideração das crianças como sujeitos plenos (Cohn 2005) e nos colocando no sentido de atuar, juntamente com elas, em um processo de ensino-aprendizagem poético-político em que todos, crianças ou adultos, associados ou não à universidade, tenham vez e voz.

Por meio de imagens, cores, sons, palavras, gestos, movimentos – do instigar e convocar sentidos –, retomamos a ideia de Ingold (2010) de que a construção do conhecimento se dá a partir de um processo de educação da atenção e não da transmissão de representações. Assim sendo, a proposição das oficinas se baseia em torno da criação de contextos ambientais em que possam ser construídas habilidades associadas ao ouvir, sentir, olhar, perceber e agir, ao lidar-se com a alteridade e a diferença.

Neste ensaio fotográfico, o conjunto de fotografias que apresento deixa entrever dois diferentes tipos de atividades realizadas nas oficinas, articuladas a temáticas também variadas.

As primeiras imagens são relativas a brinquedos e brincadeiras, a partir dos quais propúnhamos uma conversa sobre estereótipos em relações de gênero. A proposta consistia em compartilhar diferentes brinquedos com as crianças, como bolinhas de gude⁴, bonecas, piões, elástico, panelinhas, entre outros, para que elas pudessem escolher do que brincar. Após algum tempo, sugeríamos que os grupos que acabavam se formando em torno dos brinquedos pudessem trocá-los com outros. Alguns aderiam à sugestão, outros não. A partir dos movimentos que se davam em relação aos brinquedos e brincadeiras, além das falas das crianças a respeito, conversávamos então sobre ideias hegemônicas que associam determinado gênero a brinquedos ou brincadeiras específicos, buscando refletir sobre elas.

Prezando pela ludicidade e em uma tentativa de percepção do que as crianças estavam pensando e sentindo em relação às questões e temáticas tratadas nas oficinas, vi na elaboração de desenhos um caminho profícuo, seguindo os passos de outras antropólogas que também atuaram em suas pesquisas a partir da proposição de elaboração de desenhos por parte de crianças (ver, por exemplo, Toren, 1990, 2019; Pires, 2007). Os desenhos que veremos a seguir, a primeira imagem expondo dois deles dependurados em

⁴ Que também recebe o nome de Biloca ou China, a depender da região.

uma espécie de varal montado ao final das primeiras oficinas, estão relacionados a materiais audiovisuais ou livros compartilhados com as crianças.



O mesmo tabuleiro de futebol foi compartilhado, em imagens espelhadas, por diferentes crianças, meninos e meninas, na oficina realizada em espaço da organização não governamental Ação Moradia em agosto de 2018⁵.

⁵ Para conhecer a ONG, acesse <https://beta.acaomoradia.org.br/>



Acima, imagens de duas situações de brincadeira com as bolinhas de gude, que contavam especialmente com a presença de meninos, mas também ocasionalmente de meninas. À esquerda, estamos na Ação Moradia, em setembro de 2018, e à direita, na Escola Municipal Freitas de Azevedo, também em 2018, em uma oficina realizada no mês de julho daquele ano.



A professora Maria Firmina dos Reis, cuja imagem é evocada no desenho à direita, foi uma das primeiras escritoras brasileiras e aparece no livro *Agbalá*, um lugar-continente, de Marilda Castanha, como opositora à escravidão e à opressão negra. Do lado esquerdo, vemos alguns pequenos desenhos a partir do livro *Minhas imagens do Japão*, de Etsuko Watanabe, que nos apresenta Yumi, de sete anos, e sua vida em família, na escola, além de hábitos cotidianos, festas tradicionais e a escrita japonesa. O desenho da esquerda foi elaborado pelas crianças João Victor, Hyngrid e Mel. Em relação ao da direita, infelizmente não temos o registro da autoria. Esta e as próximas imagens são de oficinas realizadas na Biblioteca Municipal localizada no bairro Roosevelt, em Uberlândia, no decorrer do ano de 2014.



Ambos os desenhos foram produzidos a partir de livros e DVDs da coleção *Um dia na aldeia*, que traz histórias associadas a seis diferentes grupos indígenas: Ikpeng, Wajãpi, Kisêdjê, Panará, Ashaninka e Mbya-Guarani. O desenho da esquerda foi elaborado por Diogenes, Rayssa e Ludmilla e, o da direita, por Ludmila, Ana e Rayssa.



Por fim, um desenho elaborado pelas crianças Emerson, Fábio e Bruno a partir da audição do CD *Encomendadeiras de Correntina – A arte no canto de encomendar as almas*. O CD, produzido junto às chamadas encomendadeiras de almas da cidade baiana

de Correntina, traz ofícios e outros cantos e orações que suscitavam olhares curiosos entre as crianças.

Referências bibliográficas

CARELLI, Rita, CARVALHO, Ana, ZANETTI, Mariana. *Coleção Um dia na aldeia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

CASTANHA, Marilda. *Agbalá*. Um lugar continente. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 48p.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ENCOMENDADEIRAS de Correntina. *A arte no canto de encomendar as almas*. Instituto do Trópico Subúmido – Fundação Aroeira. Sociedade Goiana de Cultura - Universidade Católica de Goiás. Coleção Sons do Cerrado. V. 3., 2000.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

PIRES, Flávia. *Quem tem medo de mal-assombro?* Religião e Infância no semi-árido nordestino. 284f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TOREN, Christina. *Making Sense of Hierarchy: Cognition as Social Process in Fiji*. London School of Economics Monographs in Social Anthropology. London: The Athlone Press, 1990

TOREN, Christina; REGITANO, Aline de Paula. Como nos tornamos quem somos. Entrevista com Christina Toren. *Proa - Revista de antropologia e arte*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 295-304, jul. 2019.

WATANABE, Etsuko. *Minhas imagens do Japão*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 36p.